DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS

MEGALITISMO, VIDA E MORTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR

EDITORES CIENTÍFICOS
JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ
MARIANA DINIZ
ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

LAPA DO LOBO (NELAS), 2018

FUNDAÇÃO LAPA DO LOBO
U LISBOA
FLUL
uniarq
UAlg FCHS
Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património

De Gibraltar aos Pirenéus

Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular

DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS
Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular

Editores Científicos
João Carlos de Senna-Martinez (Uniarq/FLUL)
Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)
António Faustino de Carvalho (CEAACP/U. Algarve)

Edição
Fundação Lapa do Lobo

Design Gráfico: Maria Tavares de Almeida
Impressão gráfica: Grafinelas
Tiragem: 120 exemplares
Depósito Legal: 447242/18
ISBN: 978-989-98163-5-0
Ano: 2018

ÍNDICE

Prefácio.....11

Apresentação.....15

Comissões.....19

Ana Cristina Martins.....21
Megalitismo e discursos identitários: textos, contextos e pretextos

Pedro Sobral de Carvalho e António Faustino Carvalho.....37
Para uma recuperação do megalitismo de Lafões. O concelho de Vouzela (Distrito de Viseu) enquanto case-study

José Manuel Quintã Ventura.....51
Núcleo Megalítico dos Fiais-Azenha (Carregal dos Sal): um balanço

Rita Peyroteo Stjerna, Ana Cristina Araújo e Mariana Diniz.....65
The dead at Escoural Cave (Montemor-o-Novo, Portugal): early farmer's interactions in south-western Iberian Peninsula

Ramón Fábregas Valcarce, Carlos Rodríguez-Rellán, Julián Bustelo Abuín e Víctor Barbeito Pose.....85
Building up the land: a new appraisal to the megalithic phenomenon in the Barbanza peninsula (Galicia, NW Spain)

Juan Carlos Castro Carrera 99
Actuaciones de excavación y rehabilitación en los conjuntos de túmulos funerarios de Chan de Castiñeiras y Chan de Armada, península del Morrazo, Galicia

Fábio Soares 123
A invulgar localização de uma estrutura em negativo na Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo)

Pablo Arias Cabal e Miriam Cubas 133
Muerte y ritual en el Neolítico del noroeste: El megalitismo y otras manifestaciones del comportamiento funerario de las sociedades de los milenios V y IV a.C. en el cuadrante noroccidental de la península ibérica

Elsa Luís e Telma Ribeiro.....155
As comunidades neocalcolíticas de Trás-os-Montes: pensar a sua tradição cerâmica numa perspectiva de perenidade

João Carlos Senna-Martinez.....167
A shrine in the Neolithic? Orca da Lapa do Lobo, Nelas (c.5000-3000 BC)

João Carlos Senna-Martinez e Margarida M. Carvalho.....183
Ideotechnical representations in the Megalithism of Mondego´s Platform: The stelae of Orca da Lapa do Lobo

António Faustino Carvalho 201
Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Viseu): resultados preliminares dos trabalhos em curso

António Faustino Carvalho, Telmo Pereira, Juan Francisco Gibaja.....217
Proveniências e utilização do sílex no Megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira abordagem a partir dos conjuntos dos dólmenes da Lapa da Meruje e de Antelas

Nelson J. Almeida, Luiz Oosterbeek, Chris Scarre, Cristiana Ferreira, João Belo e Luís Costa.....233
Dawn of the dead: funerary behavior in the Middle Tagus Neolithic

Telmo Pereira, Sandra Assis, Patrícia Monteiro, Eduardo Paixão, Sofia Bárbara, David Nora, Vânia Carvalho e Trenton Holliday.....247
Abrigo da Buraca da Moira: contributos para o conhecimento da ocupação humana do Neolítico final/Calcolítico na região de Leiria, Portugal

Leonor Rocha, Gertrudes Branco, António Monteiro e Fernando Silva...263
Estudo do espólio arqueológico da Anta da Casa da Moura (Soure, Portugal)

João Carlos de Senna-Martinez.....277
Parasitic frequentation or cultural continuity? The re-use of megalithic monuments in the Ancient/Middle Bronze Age of the Mondego's Platform

Mariana Dniz.....303
The origins of Megalitism in Western Iberia: resilient signs of a symbolic revolution?

César Neves e Mariana Diniz.....321
À procura da Terra dos Vivos: os lugares de povoamento das primeiras fases do Megalitismo funerário no Centro e Sul de Portugal

Leonor Rocha e Pedro Alvim 341
O menir do Cabeço da Areia (Brotas, Mora)

Marco António Andrade, Rui Mataloto e André Pereira.....353
Territórios de fronteira: o Megalitismo nas abas da Serra d'Ossa (Estremoz-Redondo, Alto Alentejo, Portugal)

FilipaRodrigues.....393
Muitas antas e muita gente! As relações entre os recintos de fossos e os monumentos megalíticos no Alentejo Central

Maria João Neves e Ana Maria Silva.....411
Uma análise arqueotanatológica em três hipogeus: os contributos dos sítios de Monte Canelas I (Portimão) e do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo) para a compreensão das práticas funerárias nos 4º e 3º milénio a.C. no Sul de Portugal

Pedro Sobral de Carvalho e Lara Bacelar Alves.....431
A Necrópole da Lobagueira, Viseu: expressões de arte e arquitetura do megalitismo da Beira Alta, Centro de Portugal

Sérgio Monteiro Rodrigues e César Oliveira.....453
A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Alto Alentejo, Portugal): análise química de resíduos orgânicos identificados em recipientes cerâmicos

Yolanda Costela Muñoz, Vicente Castañeda, Iván García e Fernando Prado 481
La necrópolis de cuevas artificiales de Los Algarbes (Tarifa, Cádiz). Un ejemplo de la permanencia temporal de las construcciones megalíticas

María Lazarich, Antonio Ramos-Gil, Mercedes Versaci, María Narváez Cabeza de Vaca.....501
La necrópolis megalítica del Tajo de las Figuras (Benalup-Casas Viejas, Cádiz)

José Antonio Linares Catela.....519
Megalitismos del área de Huelva. Investigación y puesta en valor

Estefanía Carrillo Vázquez 539
Bases para el estudio de los rituales de comensalidad en las sepulturas megalíticas de la Península Ibérica

António Ramos Gil.....549
¿Yarda megalítica o vara megalítica?

María Narváez Cabeza de Vaca Periñan.....565
Aportación al estudio de los cilindros decorados de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica. Los hallazgos en megalitos

Prefácio

A Fundação Lapa do Lobo é uma entidade privada, sem fins lucrativos, com objetivos culturais e educativos. A área de abrangência geográfica da sua atuação é fundamentalmente os concelhos de Nelas e Carregal do Sal, envolvendo-se pontualmente em alguns projetos de âmbito mais alargado.

Nasce da vontade de uma família com fortes ligações à aldeia da Lapa do Lobo que decidiu, numa determinada fase da sua vida e com os seus próprios recursos, desenvolver um projeto local de serviço à comunidade que pudesse ajudar a desenvolver o pensamento cultural das pessoas.

Criada em 2007, inicia a sua ação na preservação do património arquitetónico civil da aldeia e nos apoios a estudantes dos dois concelhos. A reação da comunidade e dos agentes locais aos projetos e atividades que vai desenvolvendo progressivamente origina uma dinâmica crescente que leva à inauguração da sua sede, em 9 de outubro de 2010, e passados 5 anos à ampliação das suas instalações. A 3 de abril de 2017 recebe a visita do Senhor Presidente da República de Portugal que a definiu como "um bom exemplo da forma como os cidadãos também podem ter um papel importantíssimo no desenvolvimento do nosso país".

Cultura e educação em sentido lacto são sem dúvida os grandes pilares da atuação da Fundação Lapa do Lobo. A Biblioteca, o Serviço Educativo, os Cursos e Ateliers de artes e ofícios, as Exposições e a Programação Cultural variada (cinema, teatro, música, debates, conferências, etc.) são os instrumentos de trabalho que privilegiamos.

Como não poderia deixar de ser, a Fundação tem vindo a acompanhar e a apoiar desde o primeiro momento, em conjunto com a Câmara Municipal de Nelas, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim e Juntas de Freguesia de Canas de Senhorim e de Lapa do Lobo, as campanhas de escavações no sítio arqueológico da Orca da Lapa do Lobo (Concelho de Nelas, Distrito de Viseu). Intervenção esta realizada no âmbito do Projeto NeoMega dirigido pelo Prof. Doutor João Carlos de Senna-Martinez (Uniarq), também director da escavação, com colaboração da Mestre Telma Ribeiro e da Dr.ª Margarida Carvalho,

e com a participação de alunos de Mestrado em Arqueologia das Universidades de Lisboa e Coimbra e da Licenciatura em Arqueologia das Universidades de Lisboa e Évora.

A divulgação dos resultados obtidos nas quatro campanhas já efetuadas (2015-2018) no sítio da Orca da Lapa do Lobo à comunidade científica, na própria aldeia da Lapa do Lobo, cenário real dessa "História", é um motivo de enorme orgulho para a Fundação Lapa do Lobo que abre assim as suas portas para a realização do Congresso "De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular", nestes dias 2, 3 e 4 de Novembro de 2018.

Aquilo que somos hoje deve-se sempre, em parte, àquilo que fomos ontem. Só conhecendo a fundo de onde vimos poderemos perceber o que somos e decidir para onde vamos.

A todos os que participam neste Congresso, bem como a todos os que em conjunto connosco tornaram possível a sua realização na Fundação Lapa do Lobo um grande bem-haja.

Maria do Carmo Batalha
Vice-presidente da Fundação Lapa do Lobo

APRESENTAÇÃO

O livro que agora se apresenta De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular é o resultado de um Congresso que decorreu em Nelas e Carregal do Sal, realizado em parceria com a Fundação Lapa do Lobo, nos dias 2, 3 e 4 de Novembro de 2018. Era objectivo nuclear deste Congresso discutir no espaço da fachada atlântica da Península Ibérica, de Gibraltar aos Pirenéus, o Megalitismo como fenómeno amplo do espaço europeu que encontra neste território da Beira Alta um dos seus núcleos mais pujantes e com uma mais longa história de investigação. Entender o Megalitismo significa, para além da atenção ao regional e ao local, cruzar territórios, analisar num tempo longo e num espaço amplo as arquitecturas, os rituais, as paisagens onde se cruzam vivos e mortos e onde se materializam as cosmogonias das antigas sociedades agro-pastoris. A reconstituição de redes de circulação de matérias-primas e de artefactos mas também de pessoas e de símbolos, de curta mas também de média e longa distância é nos quadros da presente investigação fundamental para explicar um fenómeno que combina elementos de grande dispersão com materialidades específicas de um Tempo e de um Espaço.

À chamada, numa demonstração clara das presentes dinâmicas da investigação arqueológica, responderam investigadores de toda a fachada atlântica da Península Ibérica, da Universidade de Cádiz à Universidade da Cantábria, passando pela Universidade de Huelva, do Algarve, de Évora, de Lisboa, de Coimbra, do Porto, do Minho e de Santiago de Compostela e Valladollid, investigadores provenientes do sector empresarial, da administração pública e de museus.

Os capítulos deste livro reflectem a diversidade de tópicos de debate e de metodologias de análise que hoje definem os trabalhos sobre Megalitismo. O estudo de monumentos específicos, o Megalitismo de áreas regionais, a Arqueotanatologia e as práticas funerárias, o significados dos símbolos e a construção das paisagens significativas, a historiografia, as sínteses e os modelos explicativos e ainda aspectos de gestão e valorização do património arqueológico são algumas das temáticas fundamen

tais desta obra, discutidas naqueles dias de Novembro.
Esta apresentação breve não estaria concluída sem um agradecimento às Câmaras Municipais de Nelas e Carregal do Sal pelo apoio concedido a esta iniciativa e à Fundação da Lapa do Lobo, inexcedível anfitriã destes trabalhos. Um agradecimento particular é devido à Eng.ª Maria do Carmo Batalha, cuja inesgotável energia foi fundamental ao longo de toda a organização deste Congresso e das publicações que lhe estão associadas e à Designer Maria Tavares de Almeida que as levou a bom termo.

João Carlos de Senna-Martinez
Mariana Diniz
António Faustino de Carvalho

ORGANIZAÇÃO

Fundação Lapa do Lobo
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq)
Centro de Estudos de Arqueologia Arte e Ciências do Património da Universidade do Algarve

COMISSÃO DE HONRA

Presidente da Câmara Municipal de Nelas
Presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal
Presidente da Fundação Lapa do Lobo
Presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim

COMISSÃO ORGANIZADORA/EXECUTIVA

Prof. Doutor João Carlos Senna-Martinez (Uniarq/FLUL)
Profª. Doutora Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)
Prof. Doutor António Faustino de Carvalho (CEAACP/UAlg)
Engª. Maria do Carmo Batalha (Fundação Lapa do Lobo)
Sónia Simão (Fundação Lapa do Lobo)
Aires Manuel Antunes dos Santos (Câmara Municipal de Nelas)
Dr. Sérgio Espírito Santo (Câmara Municipal de Nelas)
Dr. José Sousa Baptista (Câmara Municipal de Carregal do Sal)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Doutor João Carlos Senna-Martinez (Uniarq/FLUL)
Profª. Doutora Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)
Prof. Doutor António Faustino de Carvalho (CEAACP/UAlg)
Prof. Doutor Pablo Arias Cabal (U. Cantábria)
Doutora Gertrudes Branco (DGPC-DRCC)
Doutora Ana Cristina Martins (IHC-CEHFCI-UIE-FCSH-UNI./Uniarq/FLUL)

ESTUDO DO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO DA ANTA DA CASA DA MOURA (SOURE, PORTUGAL)

STUDY OF THE ARCHAEOLOGICAL COLLECTION OF ANTA CASA DA MOURA (SOURE, PORTUGAL)

Leonor Rocha, Universidade Évora/ECS; CEAACP
lrocha@uevora.pt

Gertrudes Branco,CHAIA/UÉ
gertrudes.branco@gmail.com

António Monteiro,
ajoao.monteiro@gmail.com

Fernando Silva

RESUMO
A Anta da Casa da Moura, identificada no início dos anos 90 do século passado, é um dos escassos monumentos megalíticos registados no concelho de Soure. No decurso da 1ª década do séc. XXI foram realizadas três curtas campanhas de escavação arqueológica. Estas, apesar de não terem permitido concluir a escavação da totalidade do monumento, possibilitaram a recolha de um significativo e importante espólio arqueológico e antropológico que contribui, de forma significativa, para o conhecimento das práticas funerárias desta região.
Apresenta-se neste Poster os resultados dos estudos realizados sobre o conjunto artefactual recolhido.
PALAVRAS-CHAVE: Casa da Moura, Espólios, Megalitismo funerário, Soure

ABSTRACT
The Anta da Casa da Moura, identified in the early 90's of last century, is one of the few megalithic monuments registered in the region of Soure. Three short campaigns of archaeological excavation were carried out during the 1st decade of the 21st century. Although they were not able to coplete the excavation of the whole monument, they enabled the recovery of a significant and important archaeological and anthropological collection that contributed significantly to the knowledge of the funerary practices of this region.

This poster presents the results of the studies carried out on the archaeological materials.
KEY WORDS: Casa da Moura, Megalithism, Soure, archaeological materials.

1. A ANTA DA CASA DA MOURA: ESPAÇO GEOGRÁFICO E ARQUEOLÓGICO

1.1. Espaço fisiográfico

O Maciço do Sicó destaca-se na paisagem envolvente pelo seu relevo que correspondem a calcários do Jurássico médio. Trata-se de uma área que apresenta alguma diversidade geológica, encontrando-se este maciço "bordejado a Norte e a Este pelos arenitos (Grés de Silves) do Triásico que estabelecem a transição para os contrafortes do Maciço Antigo; a Oestepelos grés e argilas do Cretácico e do Cenozoico e a Sul por um complexo materiais que, de Este para Oeste, corre toda a sequência mesozóica dos Grés de Silves aos grés Cretácicos e Terciários" (Silva, 2011: 27). Esta diversidade reflete-se, naturalmente, em diferentes capacidades de retenção de água, no tipo de vegetação (desde as mais antigas e nativas, como os carvalhos, azinheiras, sobreiros, os maquis ou matos bravos, as orquídeas mediterrâneas, as ervas aromáticas), na capacidade dos solos, na riqueza da sua fauna selvagem (javali, veado, coelho) e na atratividade para a fixação de povoamento desde os períodos mais remotos (Silva, 2011).

No Dicionário Geográfico de Portugal, para as antigas freguesias de Degra-

Figura 1. Localização da Anta da Casa da Moura, na bacia do rio Mondego

cias e de Pombalinho refere-se somente que os frutos da terra são "parcos", sendo apenas o trigo, o milho, a cevada e a fava.

É neste ambiente de fronteiras e assimetrias físicas e paisagísticas, entre um vale fértil e as serras áridas, na bacia hidrográfica do rio Mondego, que se localiza a Anta da Casa da Moura. Como se percebe pela análise da figura 1, o monumento encontra-se estranhamente isolado quer em termos de povoamento neocalcolítico, quer pela ausência de outros monumentos funerários. Este aparente vazio deve resultar, apenas, de uma escassez de investigação, sobre este período, no concelho de Soure.

1.2. História do sítio

O estudo que agora se apresenta resulta de trabalhos realizados entre 2001 e 2003 (Figura 2), coordenados por Fernando Silva e António Monteiro. O prematuro falecimento do primeiro investigador acabou por conduzir a duas situações não previstas, i) a não continuidade dos trabalhos neste monumento; ii) a ausência de um estudo e publicação dos resultados obtidos.

Passados 15 anos, e atendendo à riqueza do espólio recuperado, que integra um conjunto significativo de restos osteológicos - já estudados e apresentados noutro congresso da especialidade (Calado *et al*, no prelo) – considerou-se importante publicar os dados existentes, apesar de existirem

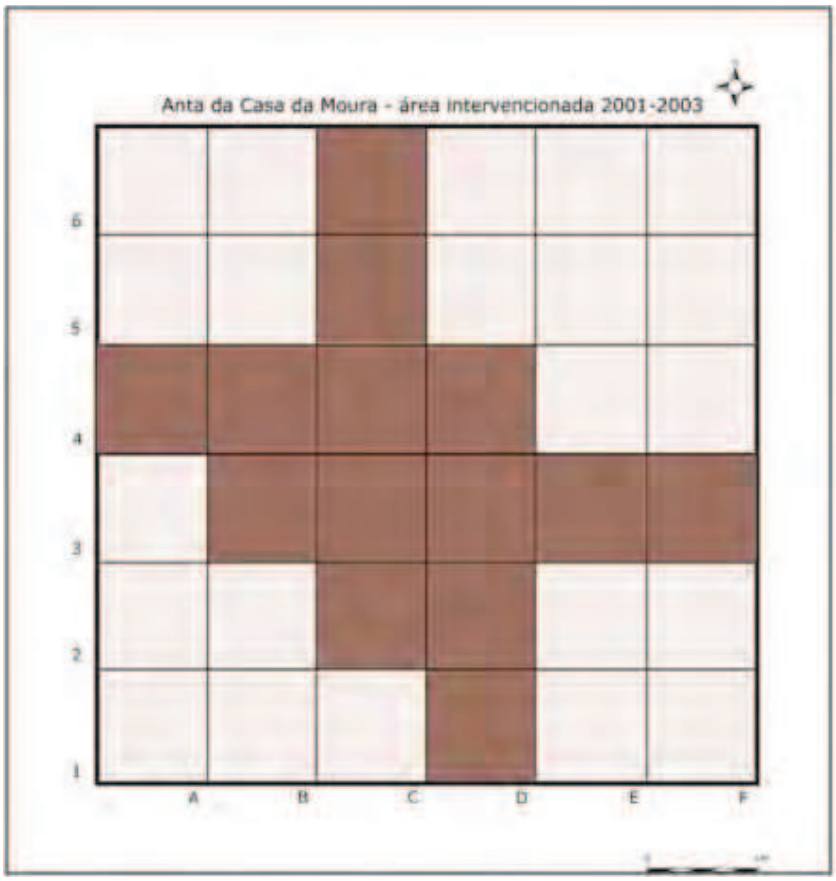


Figura 2: Quadrados intervencionados na Anta da Casa da Moura

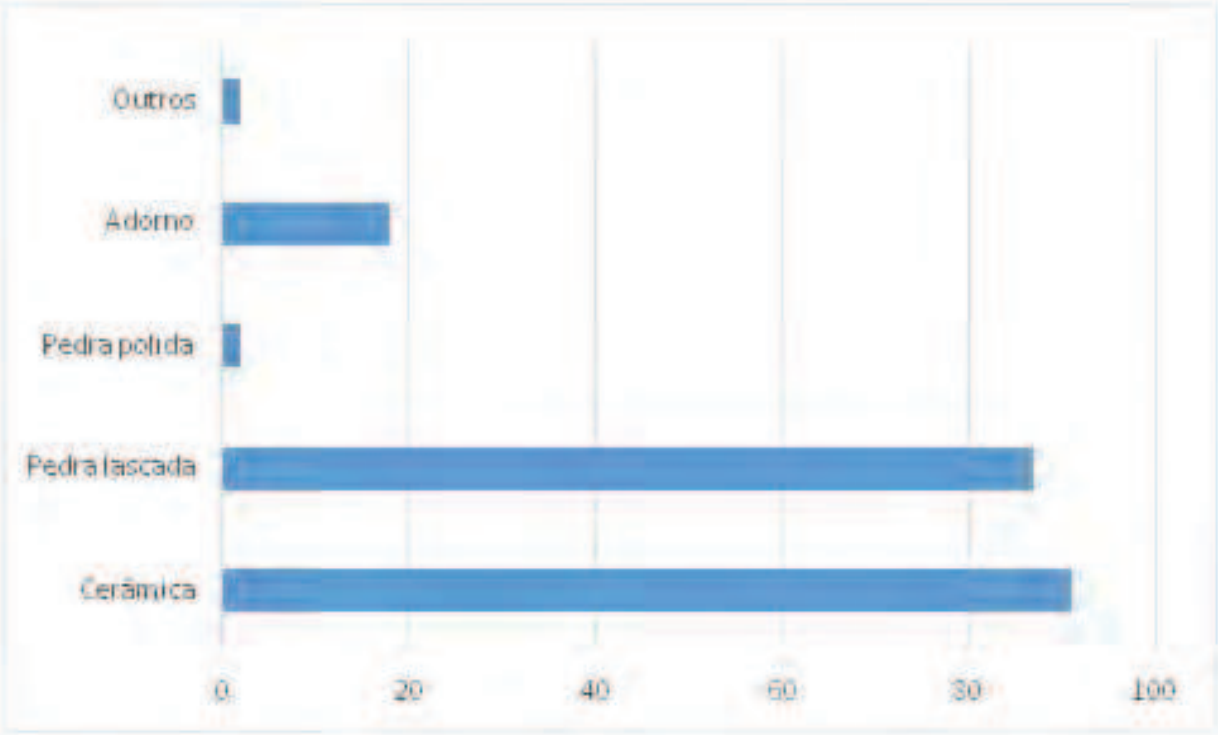


Gráfico 1: Espólio pré-histórico recolhido entre 2001-2003

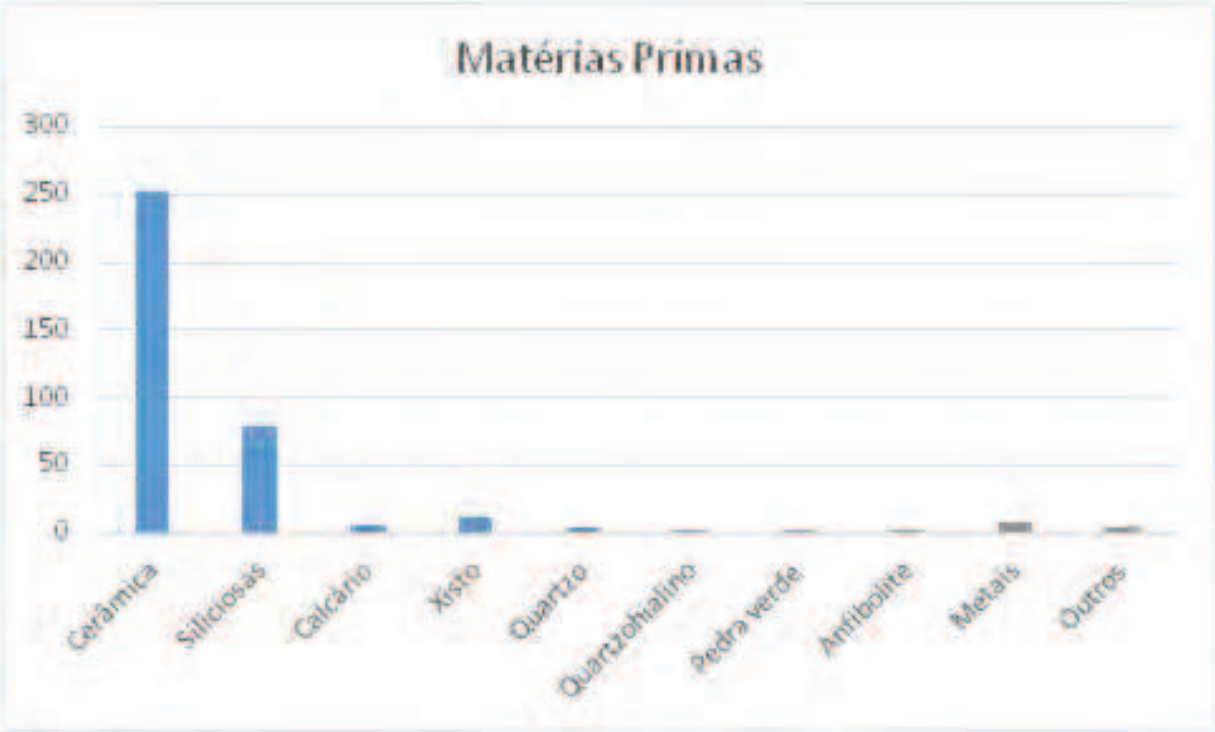


Gráfico 2: Matérias-primas presentes na Anta da Casa da Moura

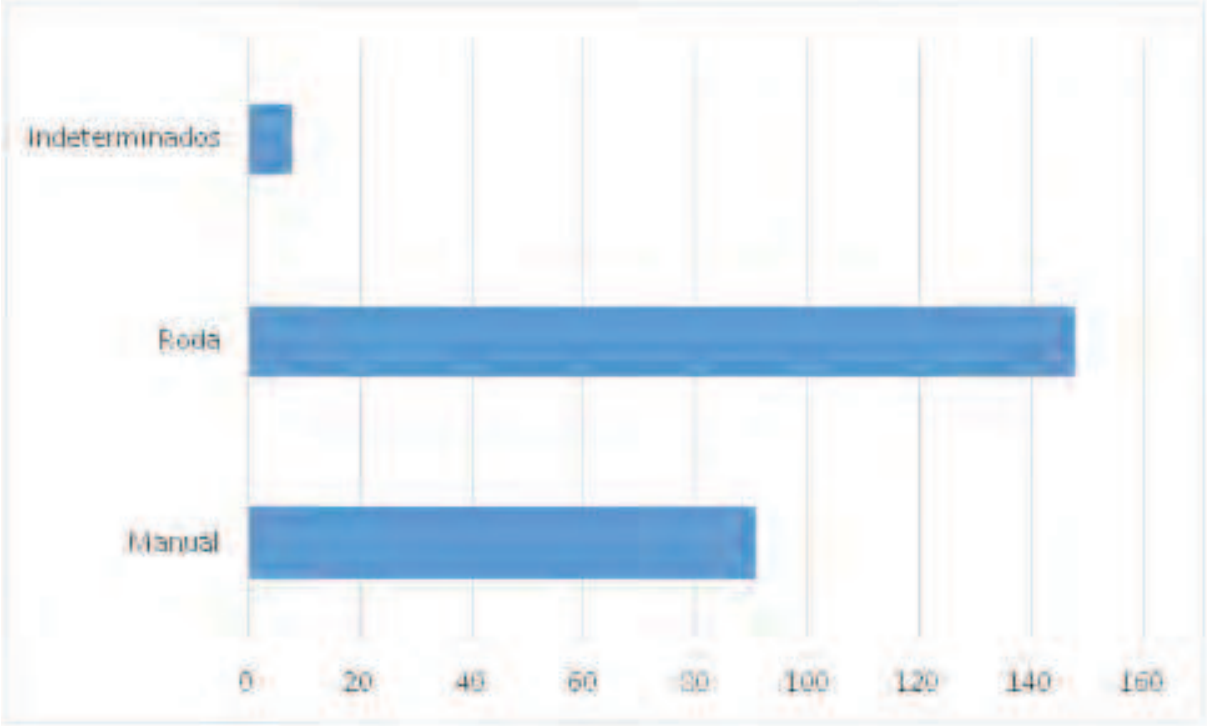


Gráfico 3: Percentagem de cerâmica, por modo de produção

algumas limitações relacionadas com as plantas e os cadernos de campo, que acabaram por se perder (Silva *et al*, 2017).
Com o estudo dos espólios recolhidos, terminamos a investigação sobre os trabalhos realizados nestas primeiras campanhas, esperando que num futuro não muito longínquo se possa vir a concluir a escavação deste monumento, atendendo à sua importância para o conhecimento do megalitismo regional e nacional.

2. CULTURA MATERIAL

Apesar de se cingirem a uma área relativamente restrita (14m^2 não integralmente escavados), o conjunto artefactual recolhido nas três campanhas realizadas na anta da Casa da Moura (Gráfico 1), evidenciam uma grande variedade e riqueza nos depósitos votivos realizados, sobretudo a nível da pedra lascada e dos objetos de adorno. Em termos cronológicos este conjunto corresponde a diferentes usos, reusos e/ou violações do monumento até, pelo menos, à Idade Moderna.
Ao observamos o conjunto de matérias-primas recolhidos nestas três campanhas (Gráfico 2), destacam-se dois grupos, o das cerâmicas e o das rochas siliciosas. Na realidade, como veremos no ponto 2.1., o grande grupo das cerâmicas é o que evidencia e testemunha as várias fases de uso e reutilizações que este monumento vivenciou. Os restan-

tes tipos são importantes para, na ausência de datações de C14, se poder estabelecer alguma proximidade cronológica e, sobretudo perceber algumas dinâmicas de trocas deste grupo que poderão estar evidenciadas em algumas das matérias-primas presentes, como a pedra verde, o xisto e o anfibolito.

2.1. Cerâmica

O conjunto artefactual constituído pelas cerâmicas pode ser um bom indicador cronológico, nos casos em que se encontra bem representado e em bom estado de conservação o que, infelizmente, não é o caso da Anta da Casa da Moura.

Foram recolhidos, neste monumento, um total de 252 fragmentos, sendo que apenas 91 exemplares são claramente de fabrico manual, pré-histórico. Para além destes estão representados fragmentos de cerâmica de diferentes tipologias e funcionalidades que, em termos cronológicos nos parecem englobar um amplo quadro cronológico que vai do período romano até, pelo menos, a época moderna. De realçar a significativa presença de materiais de clara filiação romana, com pastas finas, alaranjadas mas também pastas cinzentas; correspondem a cerca de 28,5% do conjunto cerâmico recolhido.

Dada a escassez da amostra e estado de conservação/fragmentação desta coleção optou-se por se realizar uma classificação genérica mas que, de um modo geral, seguisse critérios anteriormente estabelecidos por outros investigadores (Gonçalves, 1989), de modo a facilitar futuros estudos comparativos com outros conjuntos artefactuais.

O conjunto de cerâmicas pré-históricas é constituído, maioritariamente, por fragmentos de bojo, de pequenas dimensões, sem qualquer tipo de decoração. Dos 19 bordos existentes, 10 são pré-históricos.

A compreensão e repartição dos exemplares recolhidos dos diferentes períodos cronológicos, por Quadrado e Unidade Estratigráfica, não fornece dados específicos uma vez que as cerâmicas de roda estão presentes em todos os quadrados e unidades estratigráficas em que se identificaram cerâmicas manuais.

Em relação às pastas, não nos foi ainda possível realizar uma análise petrográfica, mas a observação superficial realizada com lupa binocular permitiu-nos concluir que, em termos de homogeneidade, as pastas são compactas, apesar de por vezes se poderem apresentar uma superfície porosa. Os elementos não plásticos variam entre o grão fino a médio, e são maioritariamente constituídos por quartzos, feldspatos e micas.

As argilas utilizadas são todas bastante similares o que sugere a uti-

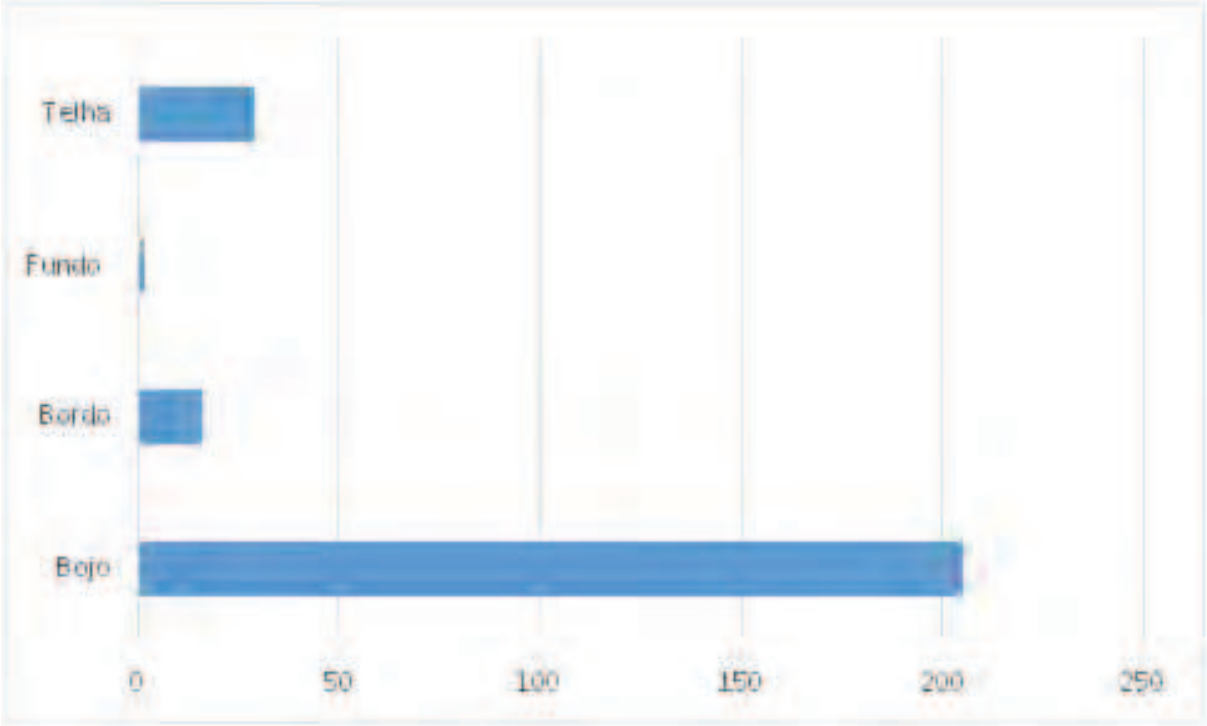


Gráfico 4: Percentagem de cerâmica, por tipo.

lização de um mesmo barreiro, eventualmente numa área relativamente próxima uma vez que não apresentam diferenças significativas com a terra da área envolvente.

As superfícies apresentam-se regularizadas, provavelmente através da técnica de alisamento, tanto a nível externo como interno; em termos gerais, o processo de cozedura mais utilizado foi o redutor (46%), seguido do oxidante (24%) e do redutor com arrefecimento oxidante (20%).

Em relação às tipologias dos recipientes existentes, como se referiu anteriormente, o número de bordos, conjugado com a sua (por vezes) reduzida dimensão, não nos permite, por ora, realizar uma reconstituição deste conjunto. No entanto, algumas leituras são possíveis, como a inexistência de bordos espessados e não existirem indícios de grandes recipientes.

2.2. Pedra Lascada

Em termos de matérias-primas, encontramos presentes as rochas siliciosas (de diferentes tonalidades), quartzos, quartzo hialino, xisto, pedra verde e calcários, representando as rochas siliciosas 73% do conjunto (Gráfico 6). De acordo com T. Aubry existem no Maciço calcário de Sicó-Alviázere e na Formação de Degracias "horizontes mais ou menos densos de nódulos de sílex" (Aubry *et al*, 2014:174) encontrando-se a sua exploração e utilização documentada desde o Paleolítico médio.

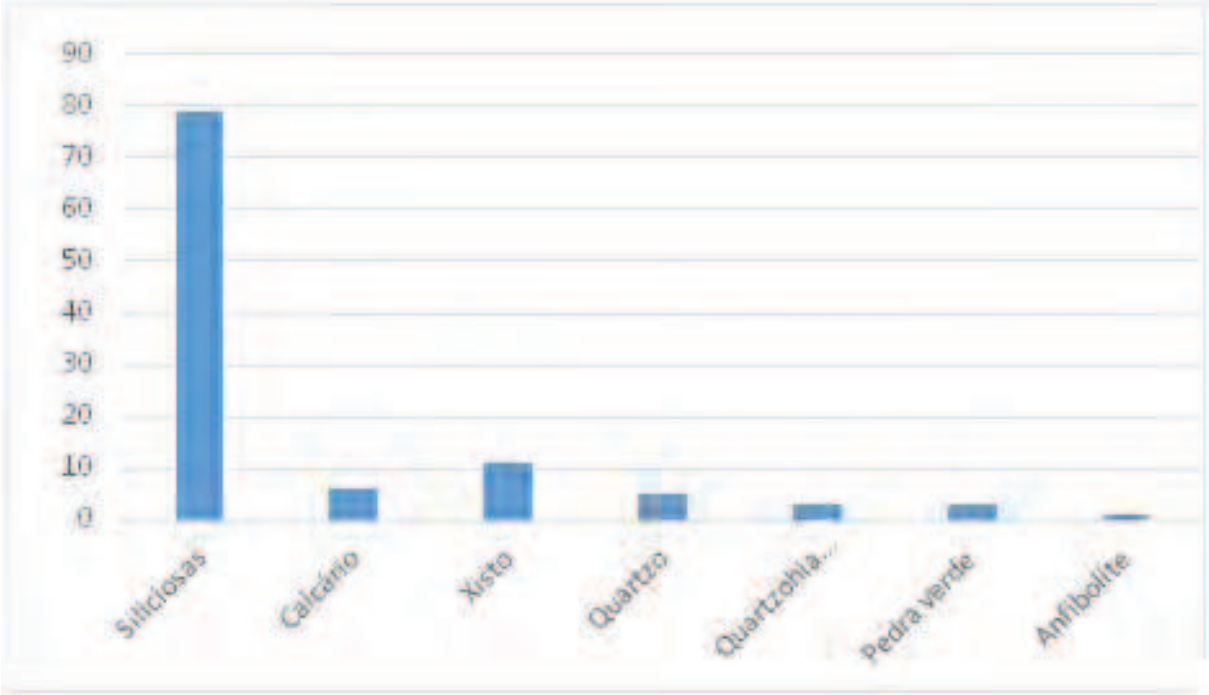


Gráfico 6: Percentagem de cerâmica, por tipo.

Gráfico 7: Tipos de artefactos de pedra lascada recolhidos

Do total de 87 registos de pedra lascada (Gráfico 7), 47 % correspondem a restos e subprodutos de talhe assim como lascas, indicadores da existência de preparação (talhe) no local. Acresce ainda a existência, ainda que residual, de núcleos (2).

No conjunto de instrumentos de pedra lascada recolhido temos a presença em maior número de lamelas (13), lâminas (12), pontas de seta (10) e o grupo dos geométricos que, no total, atingem também uma dezena (Est. I, II e IV). Valores tão similares, em conjuntos que poderão ter diferentes valências cronológicas, deixa mais interrogações que certezas, sobre este monumento.

Os produtos siliciosos foram utilizados na produção de pontas de seta, produtos alongados (lâminas), alguns dos quais foram posteriormente transformados noutro tipo de utensílios, nomeadamente geométricos.

A escassez de córtex na pedra lascada não é compatível com a leitura anterior, ou seja a debitagem ter sido realizada no local.

A nível da secção, em termos gerais predominam as secções triangulares nas lamelas e as trapezoidais, nos geométricos e nas lâminas.

2.3. Pedra Polida

No que concerne à pedra polida, os exemplares recolhidos foram bastante escassos, apenas dois. Com base nos critérios descritivos (funcionais)

Est. I

Est. II

Est. III

utilizados para este tipo de materiais (Cooney e Mandal, 1998; Le Roux, 1999), trata-se apenas de machados, apesar de apresentarem secções completamente distintas (Est. III).

O mais robusto, de rocha anfibólica, apresenta uma fratura longitudinal e o gume completamente desgastado pelo uso, tal como o talão que apresenta evidentes sinais de percussão. O corpo encontra-se integralmente polido. Tem um comprimento total de 95mm, largura de 34mm e espessura de 52 mm; secção quadrangular.

O segundo exemplar, de rocha meta-sedimentar, apresenta-se integralmente polido (apenas com algumas irregularidades da própria rocha) com gume simétrico, intacto. Tem um comprimento total de 106mm, largura de 41mm e espessura de 23 mm; secção ovalada alongada.

2.4. Adorno

No capítulo do adorno, consideraram-se as contas de colar (16), lagomorfo (1) e alfinete da cabeça (1) (Est. III). Em termos de matérias-primas, estes elementos foram realizados em calcário (3 contas de colar), pedra verde (2 contas de colar e 1 lagomorfo), xisto (10 contas de colar e 1 alfinete de cabeça) e pasta vítrea (a conta de colar).

Excetuando a conta de colar em pasta vítrea que nos remete para contextos da Idade do Ferro ou romanos, os restantes elementos de adorno podem ser, todos, resultado de uma mesma utilização funerária, dentro da pré-história recente.

2.5. Metais

O conjunto de objetos em metal recolhido nesta intervenção é escasso (7 peças) e quase todo incaracterístico. Para além de uma pequena medalha em cobre, com uma imagem de um lado e letras no anverso, os restantes elementos são em ferro e, apenas dois nos parecem corresponder a restos de um espigão e de uma lâmina de objeto cortante. Dos restantes, 3 são escórias e o outro corresponde a ferro muito corrosionado.

Independentemente do seu estado, todos os elementos desta categoria correspondem (e atestam) momentos de reutilização e/ou violações deste monumento em épocas posteriores à da sua utilização original.

2.6. Outras categorias

Dentro desta categoria considerou-se um conjunto de elementos que pela sua tipologia, tamanho, estado de conservação, não nos foi possível colocar numa das anteriores. É o caso de um pequeno seixo esferoidal, um fragmento de concha, um fragmento de uma peça que nos parece corresponder, eventualmente, a uma cabeça de um ídolo, em pedra calcária. Trata-se assim de um conjunto diversificado de elementos que, em

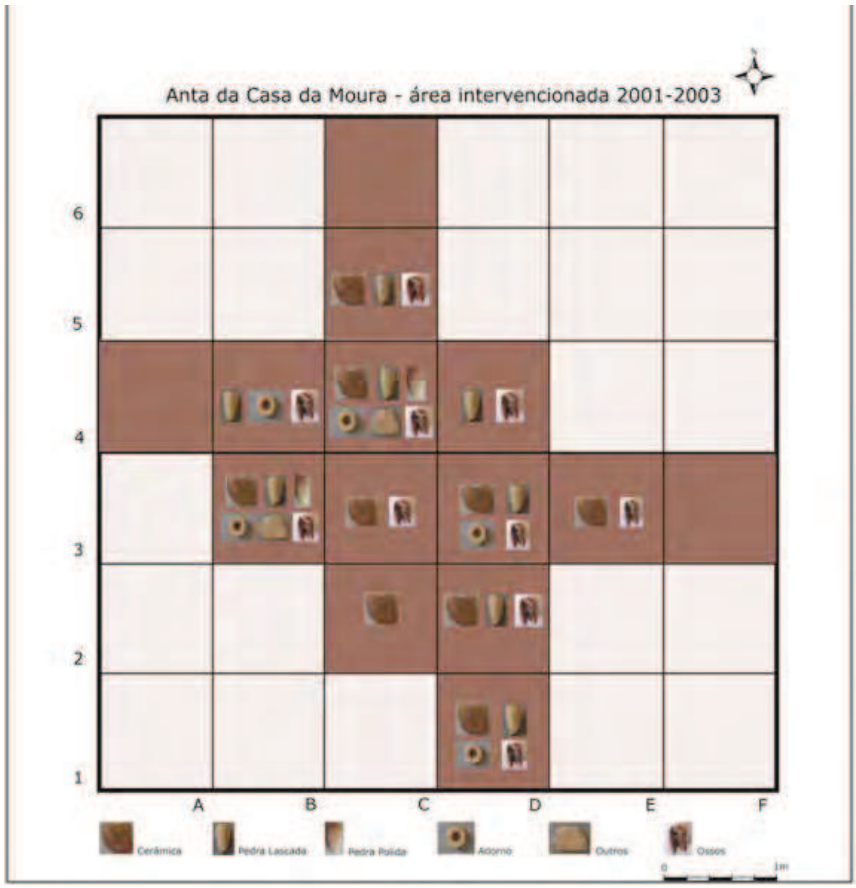


Figura 3. Tipo de espólio recolhido, por quadrado

termos cronológicos, poderão corresponder a diferentes momentos de utilização deste espaço.

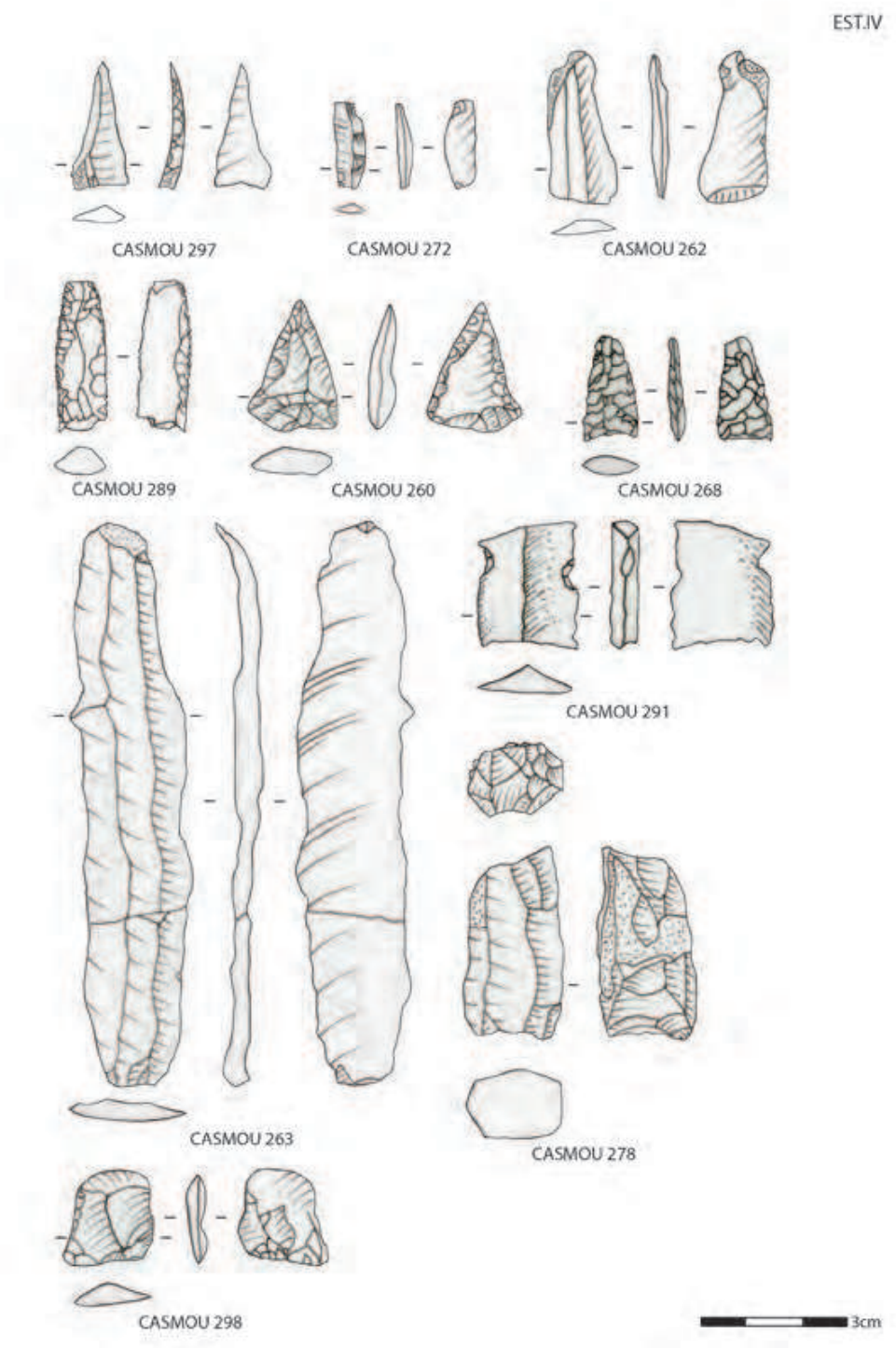
3. ANTA DA CASA DA MOURA: PROPOSTA DE DATAÇÃO(ÕES)

Apesar dos condicionalismos inerentes a esta escavação, a sua principal relevância consiste na sequência de dados e informações que este sítio nos fornece sobre as práticas funerárias, eventuais redes de trocas e, principalmente, a possibilidade de virmos a obter datações absolutas.

Quando analisamos a distribuição dos materiais recolhidos por tipo/quadrado verificamos que não existe, nestas primeiras campanhas, nenhum dado que sobressaia.

O conjunto de artefactos de adorno em pedra verde são, sem dúvida, muito interessantes pois permitem-nos perceber a singularidade deste sítio no contexto dos monumentos funerários neo-calcolíticos existentes em Portugal (apesar de existirem milhares, resumem-se a umas escassas dezenas os que têm este tipo de objetos) e das redes de trocas existentes a nível peninsular. De facto, a variscite, que te vindo a ser estudada nos últimos anos por um conjunto de investigadores, é rara e apesar da sua presença em afloramentos, estar documentada em cinco locais na P. Ibérica, apenas

PRANCHA IV



em dois deles (Can Tintorer e Pico Centeno, em Espanha) existem evidências da sua exploração na Pré-história (Odriozola *et al*, 2013).

Em termos gerais, o espólio recolhido indica-nos a existência de, pelo menos 3 períodos de utilização deste espaço:

1) Neo-calcolítico, representada pela indústria de pedra lascada, pedra polida, objetos de adorno (excetuando a conta em pasta vítrea) e a cerâmica manual;

2) Período romano, representado pela cerâmica fina e de pastas claras, a conta de pasta vítrea e, provavelmente, os objetos em ferro;
3) Período indeterminado (moderno/contemporâneo?), representado por algumas cerâmicas mais grosseiras, fragmentos de telha e medalha de cobre.
Como se depreende pela leitura do enunciado anteriormente, na ausência de datações de C14, ficamos com dúvidas sobre o conjunto osteológico recuperado podendo corresponder a apenas ao primeiro momento de ocupação do monumento ou aos dois (neo-calcolítico e romano). A análise dos dentes, que normalmente podem fornecer mais dados, por sofrerem diretamente desgastes ou ações corrosivas provocadas pela alimentação, parecem remeter este conjunto para o seu período de ocupação original. Mas, como se referiu, apenas a realização de datações de C14 poderá vir a esclarecer esta problemática, de forma cabal.

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Geográfico de Portugal 1722/1832 (1758) – Degracias/ Rabaçal. Vol. 13. PT/TT/MPRQ/29/210. [em linha http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4239869]
Dicionário Geográfico de Portugal 1722/1832 (1758) – Pombalinho/ Coimbra. Vol. 29. PT/TT/MPRQ/29/210. [em linha http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4241258]
AUBRY, T; LLACH, J. M.; MATIAS, H. (2014) – Matérias - primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal. P.A. Dinis, A. Gomes, S. Monteiro-Rodrigues (Eds.). Proveniências de Materiais Geológicos. Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário: 165-192.
CALADO, T; ANSELMO, D; ROCHA, L; LÓPEZ COSTAS, O; SILVA, F; MONTEIRO, A; BRANCO, G. (no prelo) - O conjunto osteológico da Anta da Casa da Moura (Soure, Portugal). XIV Congreso Nacional e Internacional de Paleopatologia. Alicante (Espanha).
COONEY, G. & MANDAL, S. (1998) - The irish stone axe project. Monograph 1. Wicklow: Wordwell, Ltd. 229pp.
GONÇALVES, V. S. (1989) – Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada. Lisboa: INIC/UNIARQ. (2 volumes).
LE ROUX C.-T. (1999) - L'outillage de pierre polie enméta-dolérite du type A. Les ateliers de Plussulien (Côtesd'Armor): Production et diffusion au Néolithique dans la France de l'ouest et au-delà. Travaux du Laboratoire "Anthropologie, Préhistoire et Quaternaire Armoricains. 43. UMR 6566, Université de Rennes I.
ODRIOZOLA, C; SOUSA, A.C; BOAVENTURA, R; VILLALOBOS, R (2013) - Componentes de adornos de pedra verde de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): estudo de proveniências e redes de troca no 3º milénio a.n.e. no actual território português. Arqueologia em Portugal. 150 anos. Lisboa: AAP, p. 457-462.
SILVA, C. (2011) – SICÓ a dimensão cultural das paisagens. Um estudo de Turismo nas suas vertentes Cultural e Natureza. Coimbra: Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento policopiada.
SILVA, F; MONTEIRO, A; BRANCO, G; ROCHA, L. (2017) - Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no Maciço calcário de Sicó. Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão. Lisboa: AAP, p. 521-530.